

**LEITURA E AUTORIA: PLANEJAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA E A BUSCA PELA INTERDISCIPLINARIDADE NA SALA DE AULA**

**LEITURA E AUTORIA: PLANEJAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA AND THE QUEST FOR INTERDISCIPLINARITY IN THE CLASSROOM**

**Geisson Alves Homrich<sup>1</sup>**

homrich7@gmail.com

A aproximação indispensável entre teoria e prática tem, cada vez mais, conquistado espaço nos diversos contextos de ensino de língua e literatura na educação básica brasileira. Diversos projetos político-pedagógicos, entidades governamentais ligadas à educação, obras didáticas e acadêmicas têm buscado unir a academia e a escola numa tentativa de aperfeiçoar os meios pelos quais se busca uma educação básica de qualidade. Esse aperfeiçoamento tem como missão trazer à sala de aula, sem perder suas raízes na estrutura curricular, o diferencial de ser inovadora, dando conta da tarefa mais árdua de todas: conduzir processos e criar oportunidades de aprendizados significativos para seus alunos e alunas.

Uma das obras que busca esse aperfeiçoamento é o volume *Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura* (SIMÕES et al., 2012), que integra uma coleção de obras voltadas para professores dos anos finais do ensino fundamental. A obra, em uma empreitada ambiciosa, propõe uma interlocução entre os professores atuantes nas universidades na área da prática educativa e os professores atuantes na sala de aula da educação básica, no intuito de levar a estes últimos um diálogo entre ensino e pesquisa com uma linguagem simplificada que, além de exemplificar as pesquisas atuais na área do ensino de língua e literatura, permita o uso destas pesquisas como ferramentas didáticas no cotidiano da sala de aula, unindo teoria e prática de modo inovador. Para cumprir com sua proposta, a obra faz uso constante da interdisciplinaridade como, segundo as próprias autoras, composição e opção teórico-metodológica, estabelecendo relações entre os diferentes componentes curriculares através de dois eixos de trabalho: ambiente e identidades. Discussões como “educação para a vida: o que a escola tem a ver com isso”, “qual a função do componente curricular de Língua Portuguesa e Literatura na escola atual”, “ensino e

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da mesma instituição e Professor de Língua Portuguesa e Literatura da rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.

avaliação: um exemplo de planejamento didático” e o trabalho constante com temas interdisciplinares multifacetados, gêneros de discurso, tarefas de leitura e produção de texto, reflexão linguística e formação do leitor literário mostram a busca das autoras pela promoção de uma educação de maior qualidade, que prepare os estudantes brasileiros para viverem o mundo e seus aprendizados de forma letrada e contemporânea.

O primeiro dos quatro capítulos da obra discorre acerca da relação entre a escola contemporânea e sua missão de educar para a vida. Ao relatarem o modo como o grupo de pesquisa que deu origem ao volume foi constituído, as autoras revelam sua proposta: um ensino de língua portuguesa organizado em eixos temáticos, experimentando projetos interdisciplinares como possibilidades de construção de conhecimento que faça sentido para alunos e professores. Fica claro, em todos os pontos da discussão, que a obra dá enfoque ao ensino através de habilidades e competências, método que estará presente ao longo de toda a proposta pedagógica do volume.

A questão que serve de base para orientar o primeiro capítulo é: para que serve a escola de hoje? A partir desse questionamento, a obra discute a missão primordial da escola, que é oferecer educação de qualidade a todos os cidadãos, enfrentando essa missão como um desafio. Questiona o que é uma educação de qualidade, considerando os diversos contextos educacionais que podem ser observados na escola contemporânea, além de indagar a complexidade de "ser" um cidadão. Quando o mundo e suas tecnologias atuais oferecem múltiplas fontes de informação, entretenimento e educatividade, qual é a papel atual da escola? O que significa ser professor neste contexto e como construir uma educação relevante e de qualidade, sem fugir do preceito básico de buscar formar para a cidadania? Tais questionamentos guiam o leitor para entender o propósito da obra e mostrar que, em um mundo repleto de leitores apressados, é uma tarefa árdua construir uma obra que aborde a necessidade de uma educação baseada na coletividade e interdisciplinaridade e fazer com que ela circule entre quem mais precisa: os próprios professores da educação básica que, frente a todos os problemas que enfrentam nos sistemas de ensino, precisam de propostas rápidas e eficazes para mudar o cenário estigmatizado no qual escolheram trabalhar.

Conforme propõem as autoras, “ser” cidadão pressupõe participar ativamente e lidar seguramente com a complexidade do mundo para, nele, intervir de maneira crítica e responsável. Já “educar”, missão da escola, é permitir que a aprendizagem sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre o outro possibilite a produção de ações situadas, diversificadas, críticas, criativas e aplicadas ao cotidiano. Julgam as autoras que a aprendizagem só acontece na interação com o outro e em vivências significativas com o conhecimento, este sendo

socialmente construído de forma não linear, não restrito a um único percurso e não resultante em um único lugar. Substituir a uniformidade pela diversidade é a maior missão da escola contemporânea, que deve levar os alunos ao protagonismo da construção de conhecimentos em detrimento da mera repetição de fórmulas. Estes princípios certamente são coerentes com o pensamento de professores que buscam entender que a participação deles na vida dos alunos é relevante, apesar de, muitas vezes, não conseguirem cumpri-los devido aos mais diversos fatores circunstanciais (trabalho em inúmeras turmas, carga horária exaustiva, currículo fragmentado e estanque, padrões seculares de níveis de aprendizado e idade dos alunos, avaliações padronizadas que buscam a uniformidade e não a diversidade, etc.) que podem ser reconhecidos na maioria das escolas de educação básica do país.

Esses desafios são a base para a proposta das autoras, que se sustentam nos fazeres escolares de professores e alunos que, diariamente, encontram meios e maneiras de conviver e trabalhar de forma integrada, aprendendo e ensinando com empenho, com mais satisfação do que descontentamento. Mostram, em sua discussão, que é preciso exceder o plano dos conceitos e entrar no campo das propostas, dos desafios. Ainda, as autoras salientam que é importante manter os olhos nas condições contemporâneas de convivência e trabalho na sala de aula, traduzidas pela tecnologia da informação. Esta tecnologia é, atualmente, constituinte constante da vida de quase todos, e deve ser incorporada aos instrumentos educativos na busca por uma aproximação entre as gerações, estreitando laços e aceitando que a sala de aula atual não permite a uniformidade e que os alunos não aprendem da mesma forma e no mesmo ritmo em que os professores foram ensinados nas décadas passadas. Contudo qualquer trabalho que pretenda ser eficaz deve manter certa ordem, regras e medidas. Nesse ponto está o maior desafio dos professores da era contemporânea: aliar a disciplina necessária para o aprendizado com o dinamismo necessário para o respeito à diversidade dos alunos.

Para cumprir com a proposta, a obra define que a função da escola é, por fim, manter a tarefa conservadora de garantir o compartilhamento de conhecimentos e sentidos como requisitos básicos de sobrevivência de uma sociedade, juntamente com a de refletir sobre esses modos de compreender o mundo, para que as novas gerações possam situar-se e tomar partido nele. Isso, segundo as autoras, só será possível mediante uma educação centrada no ensino interdisciplinar, em que a instituição escolar legitime a sua missão inicial de formar pessoas, profissionais e cidadãos para o mundo. A escola deve fazer pelo aluno o que nenhuma outra instituição é capaz de fazer: apresentá-lo aos modos de, mesmo que provisoriamente, representar e compreender o mundo. São os modos de criar, criticar e agir

em conjunto que, segundo as autoras, precisam ser estimulados, até mesmo para que se possa questionar a sua pertinência em novos tempos.

O trabalho com os mapas conceituais seguindo os dois eixos temáticos não significa, conforme declaram as autoras no início do segundo capítulo, que todas as disciplinas do currículo escolar necessitam estar integradas ao projeto de trabalho interdisciplinar. Contudo é necessário encontrar eixos de aproximação entre algumas áreas, delinear suas afinidades e, posto isso, partir para a elaboração do projeto. Esta abordagem visa, numa tentativa muito adequada aos novos rumos tomados pela educação, extinguir a abordagem fragmentada e engessada dos currículos escolares, na qual a apresentação de conceitos desintegrados e desvinculados de situações concretas de aplicação abre espaço para que os próprios alunos vejam a escola como um espaço desvinculado da realidade e desinteressante, acostumado a um ensino enciclopédico. As autoras defendem a ideia de que o currículo precisa manter seu caráter de progressão do conhecimento ao longo da vida escolar, porém de maneira muito diferenciada da que se pratica há séculos.

O segundo capítulo da obra aborda a diferença sutil existente entre o lugar ocupado pela Língua Portuguesa e Literatura na escola e o lugar que deveria realmente ocupar. Objetiva problematizar a concepção de linguagem, tratar de seu planejamento e execução com centralidade no texto falado e escrito, além de destacar a interdisciplinaridade como um conceito fundamental para uma educação linguística e literária significativa. A discussão tem início na afirmação de que oportunizar a aprendizagem de leitura e escrita é tarefa de todas as disciplinas e também dos projetos e atividades não disciplinares realizadas pela escola, como um processo integrado às aulas. Fica pressuposta na obra a visão de que o trabalho sobre linguagem é compromisso da escola, compartilhado por todas as áreas e fundamental durante todo o percurso do aluno. Para as autoras, a chave para discutir essa questão está em alcançar a clareza acerca da concepção de linguagem que rege o currículo e, a partir dela, pautar as decisões de planejamento. É tarefa do professor entender e explorar as relações entre textos e recursos linguísticos, sabendo converter essa concepção de linguagem e esses recursos em tarefas, avaliações, projetos didáticos e, principalmente, em aulas nas quais se consiga sustentar, juntamente com os alunos, a compreensão acerca da linguagem. Em resumo, as autoras comentam que são duas as questões que o professor deve fazer-se na hora de elaborar um planejamento: o que entendo por linguagem e o que entendo por língua e literatura.

Para responder a essas duas perguntas e auxiliar os professores leitores da obra neste ponto, as autoras apresentam quatro definições de linguagem, língua e literatura baseadas em estudos acadêmicos de Britto (2003), Filipouski (2005), Faraco (2006) e Antunes (2009),

comentando acerca da grande possibilidade de acesso a essas obras e autores e de sua grande cooperação para clarear a questão. Para esta obra em si, a linguagem se define como formas de articular significados coletivos em códigos, ou seja, em sistemas arbitrários de representação, compartilhados e variáveis, e de lançar mão desses códigos como recursos para produzir e compartilhar sentidos. Pelo uso da linguagem, os sujeitos agem no mundo social, participando em situações interacionais nos mais variados contextos, constituindo a si mesmos, construindo uma compreensão conjunta e, ao mesmo tempo, reconstruindo continuamente a própria linguagem. Esta abordagem conjunta explica, por fim, a proposta interdisciplinar da obra.

No momento que antecede a elaboração das aulas, os professores precisam refletir ainda sobre outras questões: que recados esta aula dá sobre língua e literatura? O que o texto escolhido diz sobre língua e literatura? Se desloco o texto de seu contexto, que recado dou? O que acontece se leio o texto do aluno, mas não dou algum retorno ou comentário, que recado dou? Estas questões fazem o professor refletir a fundo sobre a utilidade de suas aulas antes de elaborá-las e auxiliam muito no planejamento de aulas dinâmicas e bem situadas, com um propósito específico e um objetivo claro. As autoras defendem que as aulas de Língua Portuguesa e Literatura precisam ser fundadas numa perspectiva dialógica, em que o que é prazeroso ao aluno é conhecimento necessário ao professor. Ainda, o que é prazeroso e relevante para outros grupos sociais é também conhecimento necessário ao aluno. Este é o conceito de fruição, em que é necessário haver um encontro entre o aluno, o professor e o texto, visando ao engajamento destes com a atividade de leitura e letramento. Ainda, para que a aula siga a perspectiva dialógica, é necessário apropriar-se do conceito de autoria: a leitura, para esta obra, implica responder ao texto, e a escrita implica assumir um ponto de vista próprio. Os princípios de cidadania, discutidos no início do livro, unidos aos princípios de fruição e autoria, sustentam o objetivo de construir um projeto de ensino da língua por meio do qual professores e alunos passem a ser sujeitos autores, agentes e responsáveis.

O texto, principal foco das aulas de Língua Portuguesa e Literatura na concepção desta obra com didática interdisciplinar, é o centro do trabalho a ser realizado na sala de aula, buscando a escolarização de oportunidades para ler textos de gêneros variados, de modo a reagir diante deles, apropriando-se com atitude crítica para participar da vida social e nela intervir, produzir textos de modo seguro e autoral, não apenas em situações cotidianas e privadas, mas também em esferas públicas e sociais, além de construir um repertório de conhecimentos sobre língua e literatura que possibilite reinterpretar os modos como o

cotidiano se organiza e os modos como a história, as relações de poder e a busca por discursos próprios se entrecruzam constantemente nos usos da língua.

No terceiro capítulo da obra, após uma análise cuidadosa e teórica dos conceitos, objetivos e atitudes discutidos até então, as autoras adentram o terreno da prática, propondo a aplicação de planos de trabalho. Esse capítulo apresenta modos possíveis de organizar um plano de trabalho para Língua Portuguesa e Literatura, sem que se perca de vista o caráter interdisciplinar ou integrado do currículo, concretizado em planos de trabalho ilustrativos. Tem como objetivo apresentar sugestões de planos de trabalho e modos de organizá-los, indicar uma possibilidade de construção de currículo integrado que destaca a seleção de textos como ponto de partida para a metodologia de trabalho e abordando o planejamento como forma de promover aprendizagem e progressão curricular.

A preocupação das autoras se constitui, nesse ponto, em não perder de vista a missão da escola já discutida anteriormente e os vínculos que devem ser estabelecidos entre as disciplinas e as áreas do conhecimento. É preciso delinear, por meio de propostas concretas, um ensino que se constitua em oportunidades de fazer reflexões sistemáticas associadas aos usos, ou seja, o cotidiano presente e futuro dos alunos tona-se pauta. Entram em ação os conhecimentos do professor acerca do grupo de alunos, visto que, para pensar numa progressão anual, é necessário conhecer os alunos e seu universo semântico, para que se parta do conhecimento que eles já possuem e fugir, assim, da educação enciclopédica. Contudo, as autoras deixam claro que há uma diferença entre engajar-se no conhecimento do universo dos alunos e cair na falsa pretensão de que aulas calcadas em "diversão" são ideais para suprir a necessidade curricular. Ao falar de interesses e necessidades, não se pode pensar naquilo que já é conhecido pelo aluno, sem que ele precise estar na escola para saber, visto que a participação é central neste método de aprendizagem. Os projetos de trabalho precisam fazer sentido para o aluno e para uma situação concreta de sala de aula, serem construídos conjuntamente e aliarem necessidades e interesses.

Quando falam em interação pela linguagem, as autoras baseiam-se nos princípios e conceitos da teoria linguística para nortear o trabalho da obra. Nesse ponto, o conceito-chave é, sem dúvida, o de gênero do discurso, pois a reflexão sobre esse tema associada à seleção dos textos debatida anteriormente é o que estrutura o trabalho interdisciplinar. Os gêneros, como finalidade, associam esferas da vida ao uso da língua, constituindo uma espécie de elo entre a língua e a atividade humana. Ao participar de interações na vida, o aluno reconhece o gênero do discurso que as organiza, e isso contribui para o entendimento que ele tem do que está acontecendo na interação. Ao mesmo tempo, para participar da vida social, ele elege um

gênero do discurso que organiza seu modo de agir linguisticamente, por meio do qual revela sua interpretação do que acontece no contexto em que está inserido. Assim, os gêneros têm, em si, uma forma de reconhecimento, que se repete de um texto a outro. As autoras consideram como interessante a visão de que olhar para um gênero implica associá-lo às suas funções: quando pensamos em um gênero do discurso, pensamos em associações entre, de um lado, os elementos da situação de interação em que os textos se inserem e, de outro, os elementos formais do texto. Esta abordagem funcional, social e história dos gêneros do discurso é baseada nas concepções linguísticas de Bakhtin (2003), e a teoria bakhtiniana é a base que compõe este capítulo da obra e um dos alicerces que sustentam a proposta articulada pelas autoras.

Para *Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura* os gêneros do discurso são, aliados ao caráter interdisciplinar da educação, um elo entre os textos e as atividades das pessoas, e ao pensarmos em gêneros que possam ser recriados na escola, por meio de leituras significativas e de produção autoral, estamos pensando em esferas da vida que passarão a permear o trabalho escolar numa perspectiva dialógica. Criam-se, assim, condições para que os conhecimentos adquiridos na escola afetem a participação dos alunos nessas esferas da vida social. A obra propõe, como pode ser percebido, uma abordagem e um percurso entre o mais concreto e imediato que o aluno possa compreender até o mais abstrato e distante que ele pode chegar a conhecer. Esse raciocínio aposta no processo de socialização como grande motor de amadurecimento cognitivo, e é um dos pontos mais fortes que tornam a obra uma leitura indispensável para os professores de língua e literatura da educação básica. Como educadores e profissionais da área linguística, precisamos considerar que realizar uma boa seleção de textos é o mais fundamental dos princípios de planejamento em nosso componente curricular, e esta obra reforça com veemência esse princípio. Daí parte a importância de, como professores de Língua Portuguesa e Literatura, sermos leitores assíduos e experientes no ato de ler. Além disso, é fundamental, como mostra a obra, estabelecer critérios que orientem nossas escolhas textuais, pois os textos precisam ser, ao mesmo tempo, acessíveis e desafiadores para nossos alunos em termos linguísticos, literários e culturais, oferecendo terreno para a reflexão sobre valores e problematizações situadas e que permitam aplicação, por parte deles, a suas vidas sociais e identidades como cidadãos de maneira integrada e interdisciplinar.

A obra oferece, com consistência teórica e prática, subsídios para a reflexão sobre planejamento didático dos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Literatura. É recomendada a todo o profissional de Letras que já atua ou que busca atuar em sala de aula,

devido ao seu caráter formador e aos temas discutidos ao longo da leitura. A grande preocupação dos cursos formadores de professores deveria residir em sistematizar o plano de trabalho e a progressão de currículo de maneira dialógica e integrada, socialmente situada e culturalmente produtiva, como proposto pela obra. É urgente abandonar a lista engessada de conteúdos com a qual as escolas estão acostumadas e organizar um ensino interativo que cumpra com o papel verdadeiro da escola, mostrando que o tempo atual da educação necessita de outras e novas prioridades que quebrem o paradigma presente na educação básica de formar cidadãos apenas para o mercado de trabalho e atropelar a missão primeira da escola, que é a formação e desenvolvimento do sujeito para a atuação e intervenção na vida sociocultural.

### **Referências**

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEB, 2008.

BRITTO, L. P. **Contra o processo: cultura, escrita, educação e participação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

FARACO, C. A. **Ensinar versus não ensinar gramática: ainda cabe essa questão?** Calidoscópio, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2006.

FILIPOUSKI, A. M. Para que ler literatura na escola? In: FILIPOUSKI, Ana Mariza; MARCHI, Diana; SCHÄFFER, Neiva (Orgs.). **Teorias e fazeres na escola em mudança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SIMÕES, L. J. et al. **Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura**. Erechim: Edelbra, 2012.